ESPAÇOS FORMATIVOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

A TRAMA DO COTIDIANO: TECENDO E ENTRELAÇANDO EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Pedro Gabriel Viana do Amaral
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
pedrogabrielviana@gmail.com

Júlia Rabelo de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MG
juliarabelo@outlook.com

Financiamento: Não se aplica.

Resumo

Este trabalho buscou narrar sobre o cotidiano de dois professores de Educação Física a fim de tensionar as expectativas estereotipadas da comunidade escolar acerca da atuação desses docentes. Em diálogo com Certeau (1994) e sua compreensão de que, a partir da relação humano, cotidiano e mundo, os sujeitos constroem lugares de pertencimento, compartilhamos narrativas em busca de construir novos sentidos que possibilitem transgredir as imposições e discursos hegemônicos. Compartilhar e produzir histórias sobre o cotidiano já se faz presente em nossa formação enquanto professores-pesquisadores - como a produção de pipocas pedagógicas. Contudo, mesmo compreendendo que o ser e o fazer docente não se reduz as dicotomias maniqueístas (bem/mal, corpo/mente), a cobrança e a expectativa acerca do que se espera de um professor de Educação Física, se mostra intensa, gerando frustrações e desinvestimentos na carreira. Partindo da pergunta "diante de discursos hegemônicos, que estigmatizam, silenciam e normatizam docentes, o que se vislumbra quando dois professores-pesquisadores narram e compartilham sobre seu cotidiano escolar?" apostamos na narrativa (auto)biográfica como recurso que pode romper com os estereótipos, assim como vivificar, transformar e mover significados próprios na relação do sujeito (que narra) com o mundo, ou neste caso, com sua própria profissão, a partir de suas experiências (Bondía, 2002; Certeau, 1994; Benjamin 1994). Compreendendo que a vida cotidiana pode se constituir enquanto espaço/tempo de (re)invenção de saberes e existências (Certeau, 1994), nos valemos de nossas narrativas (auto)biográficas para jogar luz nos tensionamentos do cotidiano e nos discursos estereotipados sobre o ser docente de Educação Física. Para isso, separamos algumas de nossas conversas via aplicativo *Whatsapp*, onde compartilhamos entraves e perspectivas, na/com a escola, para, posteriormente, serem reescritas em duas narrativas - uma de cada autor - sendo expostos, neste resumo, alguns de seus enxertos, do autor e da autora,

respectivamente. Apostamos que essas narrativas possam delinear as potências e limites de nossa prática a partir das expectativas que a regem, e sua articulação (ou desarticulação) com nossas próprias expectativas, demandas e desejos. Essa ação possibilita que reconstruamos simbologias autorais sobre nossa presença na docência e no mundo, por meio de teias de experiências e de atos de narrar (Almeida Júnior, 2017; Passeggi, 2010; Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016; Bordieu, 1986), A primeira narrativa do autor aborda sobre suas experiências de aulas de Educação Física no 1º semestre do ano de 2023, em uma escola particular da região centro-sul de Belo Horizonte, com uma turma mista de 4º e 5º ano, do 2º ciclo do Ensino Fundamental, constituída majoritariamente por meninos brancos. "'As crianças não estão se comportando bem, acho que você deveria ensinar as regras dos esportes de verdade, para eles aprenderem que tudo tem limite'. Pois essa é uma das expectativas das pedagogas. Um esporte que ponha as crianças nos eixos. Me pergunto: as relações sociais não deveriam ser compromisso de todos nós dentro da instituição escolar? Às sextas feiras, vou dar aula com medo, triste e ansioso. Quem vai ter crise de ansiedade agora? Qual criança terei que separar na hora da briga? Quando os efeitos sociais da pandemia acabam? [...] Estamos trabalhando ginástica de condicionamento físico, onde fazemos circuitos e aprendemos algumas habilidades corporais, como correr em diferentes direções, saltar, arremessar, coordenar movimentos… Mas é só alguém "errar" que começa o deboche, a raiva toma conta e começa a porrada. Nessas horas, quem precisa fazer ginástica sou eu. [..,] oscilo entre sentir que continuo apenas reproduzindo a hegemonia, gerando tédio e frustração nos alunos, enquanto busco me fortalecer para não me responsabilizar, solitariamente, por um engajamento que deveria ser coletivo [...] dia desses, os estudantes estavam fazendo torcida para que todos conseguissem cumprir os desafios da aula, sem precisar que eu propusesse […]". (Enxerto da Narrativa 1, acervo dos autores, 2024). Na segunda narrativa, a autora conta sobre vivências num espaço formativo de contraturno escolar, com atividades esportivas e culturais para crianças e jovens de 6 a 18 anos na região metropolitana de Belo Horizonte. O grupo que inspira a narrativa são crianças entre 6 e 8 anos, residentes de um território onde saúde mental é um tema sensível e urgente. "Para além dos conteúdos esportivos, espera-se do professor acolhimento, aconselhamento, gestão de comportamentos desafiadores, referência emocional, moral, ética, imparcialidade com afeto, mas sem colo e abraço, para não perder o profissionalismo ou ultrapassar os limites [...] eu apartei uma briga generalizada. Bem na aula sobre formas diferentes de movimentar, sobre como os corpos interagem entre si e com o ambiente, entendendo que movimento é também comunicação. Infelizmente, na minha ciranda, corpos e vozes se comunicavam através da agressão pela terceira aula seguida. Sempre falo sobre um problema ter várias soluções e como

a violência nunca deve ser uma delas mas, de repente, me pego gritando e distribuindo ameaças de suspensão e idas à diretoria [...] Penso que, para cada desafio, existem mais de uma solução e ao narrar, compartilhar, ler, reler e comentar, teço perspectivas a partir dos relatos de meus colegas, como quem tece uma colcha de retalhos. Narro para não desistir. Não desistindo, fico para ver o desenrolo do conflito em forma de gentilezas na fila para o lanche, quando outro professor conta que, após a briga, os ânimos foram outros. Através da partilha do lanche e do lugar, e de uma nova chance de recomeçar, eles também não desistem [...]" (Enxerto da Narrativa 2. acervo dos autores, 2024). O discurso presente no cotidiano escolar é de uma Educação Física incumbida do controle e disciplina. Entretanto, defendemos que as relações sociais são de responsabilidade institucional, coletiva, não apenas função deste componente curricular, que tem as suas próprias especificidades, e que possibilita esse corpo ampliar suas formas de comunicar e ler o mundo. Romper com este reducionismo é um processo árduo e angustiante, mas, ao intercambiarmos nossas experiências, percebemos semelhanças, resistências e caminhos possíveis para (re)inventar este cotidiano fragmentado, tecendo uma colcha de retalhos. Pautar o cotidiano docente não deveria ser reduzido apenas a conversas de *Whatsapp*, por isso apontamos a necessidade de investimento em tempos/espaços de trabalho, que possibilitem o diálogo entre professores, a partir da sua realidade viva.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar; Estigmas; Educação Física.

Referências

ALMEIDA JUNIOR, Admir. Soares. Foto (e) grafias na formação de professores/as de educação física. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 06, p. 661-681, set./dez. 2017.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BOURDIEU, Pierre**.** L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales.** v. 62-63, jun., p. 69-72, 1986.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C; SILVA, V. B. **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.